

PANORAMA DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO BRASIL: MODA E O MERCADO DE IMPORTAÇÃO DE TECIDOS

OVERVIEW OF THE TEXTILE INDUSTRY IN BRAZIL: FASHION AND THE FABRIC IMPORT MARKET

Fernandes, Giselle Aparecida; Esp.; Universidade de São Paulo, gisellepojanello@gmail.com¹

Prado, Luís André do; Dr.; Universidade de São Paulo, laprado1955@gmail.com²

Dulci, Luciana Crivellari; PhD; Universidade Federal de Ouro Preto, luciana.dulci@ufop.edu.br³

Moda, Produção, Cultura e Sociedade no Brasil⁴

Resumo: Este ensaio tem como objetivo traçar um breve panorama sobre o desenvolvimento da indústria têxtil no Brasil e o mercado de importação de tecidos, visando avaliar as oportunidades e fissuras do setor, em um levantamento de dados econômicos a partir dos anos 1980. Considerou-se atravessamentos históricos e culturais na indústria brasileira e a relevância do país enquanto fabricante e exportador de tecidos ao mundo.

Palavras-chave: Indústria têxtil, Moda, Brasil.

Abstract: This essay aims to provide a succinct overview of the development of the textile industry in Brazil and the fabric import market, aiming to evaluate the opportunities and gaps in this sector, in research of economic data from the 1980s onwards. Historical and cultural crossings in Brazilian industry and the country's relevance as a manufacturer and exporter of fabrics to the world were considered.

Keywords: Textile industry, Fashion, Brazil.

Introdução

Ao considerarmos os estudos sobre a moda brasileira, é importante salientarmos a amplitude deste setor e suas diversas extensões, assim como a complexidade que alinhava o setor têxtil, seja pela atual ineficiência regulatória ou mesmo pela falta um da presença do estado na fiscalização, para toda a cadeia, ainda em desenvolvimento. O campo da moda, desde seu processo inicial na economia e na cultura brasileira é atravessado pela ausência ou por poucos investimentos econômicos, planejamento estratégico e tecnológico, por parte dos governos, em nível municipal, estadual e federal. Fator intimamente ligado aos pilares de uma economia subordinada, a ideia de país

¹ técnica em confecção do vestuário Senai Modatec/MG, Graduada em Negócios de Moda/UNA -MG; pós graduada em cultura material e consumo na Escola de Comunicação e Artes da USP, pesquisadora de tendências e coordenadora de produto no segmento têxtil.

² Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela PUC-MG; doutor pelo Departamento de História Econômica da FFLCH USP com a tese “Indústria do vestuário e moda no Brasil do século XIX a 1960: da cópia e adaptação à autonomização subordinada” (2015-2019); autor de “Cacilda Becker, Fúria Santa” (Geração Editorial, 2002) e de “História da Moda no Brasil, das influências às autorreferências” (Pyxis/Disal, 2011, com João Braga); pós-doutorando da FEA/USP desde 2023.

³ Pós-doutorado na Escola de Comunicação e Artes da USP, professora no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas e no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto.

⁴ Grupo de Pesquisa em Moda, Produção, Cultura e Sociedade no Brasil- dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1448800534647718

colonizado, cujo resultado é quase sempre a escassez na qualificação, fragilidade no desenvolvimento dos meios produtivos e o processo de desindustrialização que foi arduamente conquistado após a década de 1990 (OREIRO e FEIJÓ, 2010).

De acordo com Santoro e Merlo (2012), desde a primeira metade do século XIX, percebe-se que o progresso latente da indústria têxtil, no Brasil, foi interrompido em diversos momentos, provocando uma descontinuidade em seu desenvolvimento. Entretanto, ainda no século XIX, repleto de situações político-econômicas com interferências na indústria nacional, verifica-se alguns fatos que aqueceram a economia, tais como a aplicação da Tarifa Alves Branco, a abolição do tráfico de escravos e o ciclo do café.

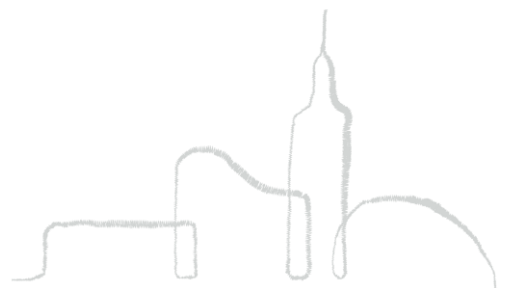
O Brasil, em seu longo processo de industrialização tardia, foi responsável por impactos profundos ao setor têxtil, em toda a sua cronologia, considerando que áreas relacionadas às artes e design foram colocadas em outro plano e a produção nacional de indumentárias servia apenas para vestir indígenas capturados, escravizados e posteriormente designada aos operários, condicionando a estes um lugar marginal, sem identidade, propenso apenas para servidão da cobertura de corpos sutis e subalternos.

Segundo Braga e Prado (2011), a produção de tecidos neste período era de “tecidos grossos e sem tingimento destinados a cobrir a nudez dos índios e escravos”. Sendo assim, devido à escassez de insumos, bem como às sucessivas proibições e regras estabelecidas pela coroa portuguesa, foi possível estabelecer uma produção nacional com baixos investimentos em qualidade dos produtos e, da mesma forma, não se reconheciam os produtos têxteis enquanto produtos culturais e com uma identidade nacional, resultando na produção de tecidos de baixa qualidade, sem estética e conforto, por serem produzidos de forma amadora, imputando ao setor um ciclo de desafios.

A colônia portuguesa privilegiou e contribuiu para o aumento da importação de tecidos, criando uma “aura de superioridade” aos têxteis vindos da Europa, fator estruturante e que se enraizou na cultura brasileira, forjando uma subalternidade cultural, e do design brasileiro, até a atualidade.

Cabe destacar, ainda, que o protagonismo das atividades de mineração e agrícolas, como base da economia nacional de exportação, podem ser apontados como fatores importantes para uma industrialização tardia para os outros segmentos. Esses e outros fatores fazem parte das condicionantes estruturais que ditaram o ritmo da indústria brasileira e o equilíbrio comercial do país. A indústria têxtil foi impactada e sofreu os mesmos destinos que boa parte do setor secundário da cadeia da moda, porém quando a moda é analisada sob o viés que lhe é específico é possível apontar particularidades que dificultam o avanço e a emancipação que possibilitariam inverter a lógica de importação que supera a produção nacional (BRAGA e PRADO, 2011).

Projeção das importações na indústria têxtil no Brasil



Com a relativa normalidade comercial no período pós Segunda Guerra Mundial e os novos acordos comerciais que redirecionaram o epicentro de poder global para os Estados Unidos; o Brasil encontrou dificuldades competitivas para se impor comercialmente no mercado internacional. O protecionismo foi a ferramenta que tentou garantir, pelo menos, o consumo interno para dar vazão à produção têxtil nacional, que em 1950 já alcançava os 25% do total da força de trabalho nacional na indústria têxtil e quase 20% de toda a indústria (SANTORO e MERLO, 2012).

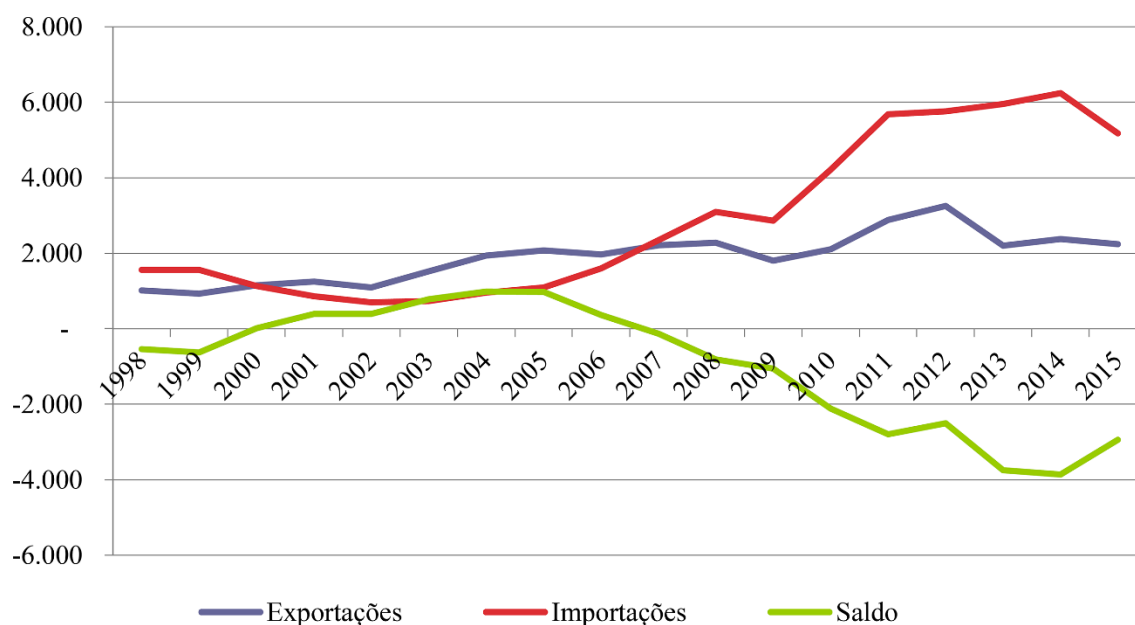
A década de 1960 marcou o Brasil com as intensivas práticas dos governos de oferecer subsídio à indústria nacional, visando garantir sua produtividade e, desse modo, o suprimento do consumo interno. Já na década de 1970, o plano denominado de substituição de importações, passou a impor altas taxas sobre produtos estrangeiros, diminuindo a competição com produtos nacionais já existentes, cuja verificação comparativa ficou a cargo de fiscais aduaneiros, que nem sempre empregavam os parâmetros corretos para cumprir a ideia do plano (SANTORO e MERLO, 2012).

A comparação de artigos têxteis brasileiros com os importados foi quase sempre, segundo Santoro e Merlo (2012), uma situação injusta, pois a análise dos sortimentos dependia de parâmetros que não eram apenas preço, composição, construção, beneficiamento ou mesmo o próprio desenho. Afirmam ainda que este último parâmetro já deveria ser elemento característico suficiente para importar algo que não tinha comparativo na indústria nacional. Cabe ainda ressaltar que as desigualdades entre as tecnologias nacionais e os constantes avanços nos outros países implicaram que, além do desenho, o toque e o caimento dos tecidos, obtidos com tecnologias diversas, podem ser melhores ou piores em tecidos de mesma composição e construção. Talvez, se os produtos nacionais alcançassem a mesma qualidade que os importados, a concorrência não teria sido tão desleal.

Desde a década de 1970, já existe, segundo Filleti e Boldrin (2020), uma discussão sobre o processo de desindustrialização brasileira e a aceleração deste após a implementação do neoliberalismo, iniciado no governo Collor e acentuado no Brasil, a partir do Plano Real, em 1994. Os autores afirmam que, mesmo com o saldo positivo, no início dos anos 2000, a desindustrialização do setor têxtil é uma evidência no país. Apesar do esforço dos economistas ortodoxos em afirmar que as transformações pelas quais a economia brasileira passou, entre as décadas de 2000 e 2010, não tiveram um efeito negativo sobre a indústria, os dados de volume de importação, exportação, faturamento e taxa de ocupação do setor demonstram o contrário, conforme mostra a Figura 1:

Figura 1: Balança Comercial de produtos têxteis (milhões em \$ corrente) Brasil-1998-2015.





Fonte: (FILLETI e BOLDRIN, 2020. Pág. 869.).

O designer em formação: notas de um designer em campo

É possível verificar, com base na experiência em campo, que existe na formação do *designer* de moda um sintoma inerente ao setor têxtil: a desvalorização constante da evolução do próprio campo da disciplina. Observo, como uma fissura nesta formação, um desconhecimento sobre o histórico da produção de algodão e outros tecidos nacionais, os precursores do design de moda, assim como nossa irrelevância junto ao comércio exterior.

As consoantes desta indústria vão para além do mercado de tecidos importados, sobre o qual escolho me debruçar para tal escrita, a partir da minha experiência entre a criação de roupas e a inserção nas feiras internacionais *Première Vision* e *Tex World*, enquanto compradora de tecidos; passo a verificar a indústria têxtil como vetor econômico, de negócios e de lucros; uma performance muito distinta da indústria puramente criativa, cujas operações são tangíveis ao regionalismo.

Verifico o setor de compras como o campo de maior engajamento tecnológico, investimento em pesquisa e inovação, assim como cenário econômico de estratégias sob o olhar do designer. Ao viajar por vários lugares do mundo por meio desta profissão, verifico que a indústria do vestir é um corpo em constante transmutação, impactado pelo espírito do tempo, deslocamentos geográficos e choques culturais, que a todo momento serve ao consumo e ao capital através de uma organização de signos da qual as pessoas se contaminam pelo vestir, pela moda.

A partir da leitura do trabalho de Ruth Joffilly (JOFFILY, 1989), que relata as experiências de Marília Valls, foi possível nortear meus olhares sobre as fronteiras da moda e, em particular, os aspectos da qualificação destes profissionais imersos no setor, que geralmente aprendem os ofícios ao mesmo tempo em que trabalham de forma intuitiva, na partilha com outros colaboradores, bem como através da observação e de testes na prática.

Ainda hoje a experiência é semelhante como as vivências de Marília, assim ela descreve: “Eu tinha bom-gosto. Mas todo o resto eu precisei aprender”. Aprender no sentido extenso, ao ponto de compreender que a moda não era apenas glamourosa e que havia graves acentos na condição dos trabalhadores das malharias. Suas observações, para além das interrogações sociais, estavam pautadas na diferenciação entre fios, pelo toque e assim ela mergulhou neste universo, internamente na fábrica, a fim de compreender tudo que nenhuma formação escolar daria a ela.

Creio que a experiência do designer, que se desdobra na dinâmica das feiras, para pensar os insumos, permeia este lugar do aprendizado em movimento, fator que se desenrola em outras línguas, planilhas e um entendimento da leitura do tempo presente, das tendências, de tecnologias renovadas, assim como do ambiente financeiro, que é operado por leituras de dados econômicos. É inerente a esta função quantificar investimentos por metros de tecido e compreender os trâmites da importação, acompanhar o desenvolvimento, amostras e mostruários e containers da importação. É uma formação possível pela vivência.

Portanto, percebe-se que a cadeia produtiva da indústria da moda tem meandros que não são mensurados pelos mesmos parâmetros da economia clássica, como tentam tanto os economistas ortodoxos quanto os novo-desenvolvimentistas, apontados pelos autores Filleti e Boldrin (2020). Para avaliar os descompassos neste setor, não basta calcular os volumes de importação e exportação, pois o superávit de países como a China não demonstra que a indústria daquele país foi capaz de produzir algo essencial neste setor: o desejo de consumo.

A desindustrialização e os impactos no design nacional

De acordo com Clementino (2012), o período das grandes guerras foi fundamental para o desenvolvimento da indústria nacional, principalmente para a indústria têxtil, que pôde se modernizar e ampliar seu alcance. Porém, após as crises de 1970, foi possível constatar um avanço no processo de desindustrialização da produção de tecidos e derivados, pois a modernização das tecnologias e meios produtivos passou a exigir investimentos que garantissem a competitividade com os países estrangeiros, que retomavam suas produções e contavam com o salto tecnológico da automação no pós segunda guerra.

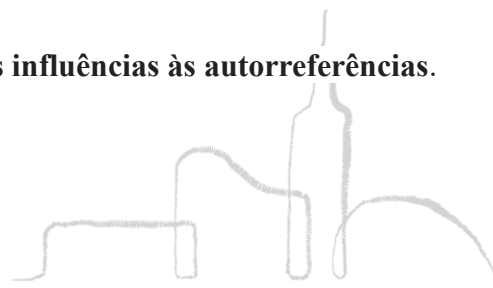
Entretanto, mesmo que a substituição da tecnologia tivesse sido um plano de Estado para reinvestir os altos ganhos, obtidos nos períodos com baixa competitividade no setor durante as grandes guerras, seria difícil fazer qualquer projeção de que a moda brasileira despontaria como objeto de desejo, impulsionando a indústria brasileira têxtil e de vestuário no mercado internacional. O modernismo brasileiro, na sua terceira fase, após 1950, foi, segundo Bonadio (2014), a possibilidade de um projeto nacional não só de valorização da cultura, mas também um processo de afirmação do contexto histórico que deu origem a uma identidade nacional, resultado de encontros e choques de diferenças que produziram complexidades capazes de dar a profundidade necessária a uma possibilidade de emancipação da cultura brasileira.

O projeto modernista teve dificuldade de avançar com o fim da ditadura no Brasil, no período da Ditadura Militar (1964-1985). A década de 1960 foi, assim como o início da República, mais um golpe na possibilidade de afirmação do Brasil como uma identidade no mundo. Este período foi marcado por acordos que subalternizaram a cultura brasileira aos interesses capitalistas, diga-se de passagem, com autoritarismo e imperialismo americano frente à dicotomia de poder existente no período de guerra fria. O projeto do Brasil, enquanto país que se emanciparia culturalmente, foi abortado e seguiu sem nova gestação. A moda neste período pode ser retratada pela experiência da designer e criadora Zuzu Angel, importante pilar criativo e de impulsão da moda enquanto projeto de afirmação nacional com alcance internacional, mas que foi assassinada e teve seu processo criativo interrompido.

O cenário atual do setor têxtil e da moda brasileira continua em busca de sua(s) identidade(es) nacionais e os resultados da balança comercial brasileira demonstram o quanto a relevância da importação ainda prevalece sobre a produção local. Vive-se, desde 2014, a maior amplitude entre importações e exportações, cujo saldo é negativo para o Brasil. Neste mesmo período verificou-se o renascimento do fascismo e tentativas de apagamentos de partes da cultura brasileira. Contudo, esta última década também revelou o fortalecimento de movimentos da sociedade civil afirmando os valores das culturas periféricas como atores de produção e identidades, reconhecidas internacionalmente, nos últimos eventos de destaque tais como São Paulo Fashion Week, Dragão Fashion Brasil, da Associação Brasileira da Indústria Têxtil – ABIT e da Associação Brasileira de Estilista – ABEST.

Referências

BRAGA, João; PRADO, Luís André do. **História da moda no Brasil: das influências às autorreferências**. São Paulo: Disal Editora/Pyxis Editorial, 2011.



BONADIO, Maria Claudia. A moda no MASP de Pietro Maria Bardi (1947-1987). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 22, p. 35-70, 2014.

CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. A evolução da indústria têxtil no contexto da afirmação do imperialismo americano. **XII Colóquio Internacional de Geocrítica. Bogotá, Colombia. Maio de, 2012.**

FILLETI, Juliana de Paula; BOLDRIN, Rafaela. A indústria têxtil no Brasil: um modelo econométrico analisando a hipótese de desindustrialização setorial. **Economia e Sociedade**, v. 29, p. 861-890, 2020.

JOFFILY, Ruth; AGUIAR, Luiz Antonio. **Marília Valls: um trabalho sobre moda**. Salamandra, 1989.

OREIRO, José Luis; FEIJÓ, Carmem A. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 30, p. 219-232, 2010.

SANTORO, Maria Luiza Abel; MERLO, Márcia. Importação de têxteis no Brasil: um olhar para o mercado de moda. **Revista da FAE**, v. 15, n. 1, p. 78-97, 2012.

